

Seminário **Juventude** e Políticas Públicas



20, 21 e 22 de setembro

PESQUISAS NACIONAIS E MUNICIPAIS
SOBRE JUVENTUDE / EXPERIÊNCIAS DO
PODER PÚBLICO E DE GRUPOS JUVENIS.

inscrições:

ccjuventude@prefeitura.sp.gov.br

Centro Cultural da Juventude

Av. Deputado Emilio Carlos - 3.641

Vila Nova Cachoeirinha - (11) 3984 2466

<http://centrodajuventude.prefeitura.sp.gov.br>

realização:



**CENTRO
CULTURAL DA
JUVENTUDE**



**PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA DE CULTURA

SEMINÁRIO JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS

Dia 20/09 - JUVENTUDE

Foi um dia dedicado à reflexão sobre os conceitos envolvidos na elaboração de políticas públicas para a juventude e sobre a informação de que dispomos sobre o universo jovem.

ABERTURA

Luciana Guimarães (Coordenadora Geral do Centro Cultural da Juventude)

- Apresentou o Centro Cultural como exemplo de uma política social para a juventude que se efetivou mediante o diálogo entre os jovens e as jovens, a sociedade civil e o Poder Público. O Centro dá acesso a bens culturais como internet, biblioteca, apresentações teatrais, assim como torna pública a produção cultural e intelectual do jovem. Ou seja, essa política pública foi implementada tomando o jovem como um sujeito de direitos, com direito a cultura, assim como um agente político que delibera sobre suas políticas e que produz cultura além de recebê-la.
- O objetivo do seminário é apresentar o conhecimento e as experiências mais recentes e modernas no que tange as políticas públicas para juventude, a fim de ajudar na elaboração de políticas de sucesso para esse público sem cair no lugar comum tradicionalmente presente na elaboração dessas políticas. Daí um seminário voltado para agentes do poder público municipal.

Guilherme Coelho (Coordenador da Juventude da Secretaria de Participação e Parceria)

- Sinalizou para a importância do casamento entre reflexão e ação política, tanto em sua parceria com o CCJ, como nas políticas voltadas para juventude. E talvez seja justamente essa a união que está expressa no espírito desse seminário, que reúne gestores e sociedade civil que acumularam conhecimento e experiência trabalhando com juventude.
- Mostrou a abertura de diálogo da Coordenadoria para os diferentes públicos da juventude.
- Falou também das atividades da Coordenadoria que visam à juventude:
 - Fóruns (Hip Hop e Arte na Rua), Projeto Galerias ao ar livre, Telecentros, Pró-Jovem, Atividades Esportivas, Estação da Juventude. Todas essas políticas foram feitas com a participação do público alvo dos projetos.
- Repensou a categoria “cultura”, como um veículo importante que comunica, cria saber, envolve prazer e produz alegria e identidades.

MESA 1 - REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

Maria Virgínia Freitas (Magi) (Coordenadora da Área de Juventude da Organização Não

Governmental Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação)

- Salientou que o Centro Cultural já é uma política para juventude que resultou da troca de experiências entre a sociedade civil, os jovens e as jovens e o poder público. Daí ser sintomático que um seminário que vise essa troca de experiências em políticas públicas para juventude seja realizado num espaço que já é fruto desse debate e dessa experiência acumulada.
- Refletiu principalmente sobre o termo “juventude” como não sendo auto-evidente ou, tampouco, cristalino. É preciso discutir sobre ele para se elaborar políticas públicas conscientes de suas implicações.
- Magi diz que a Juventude pode ser entendida por diversos pontos de partida: como uma faixa etária, um período da vida, uma categoria social, etc. Esses pontos de partida não se encontram isolados, eles se vinculam, de algum modo, à dimensão da fase de ciclo vital entre a infância e a maturidade.
- Os marcos etários utilizados para abordar este período variam muito de país para país, de instituição para instituição. O Brasil, baseado em critérios estabelecidos pelas Nações Unidas e por instituições oficiais, como IBGE, adota a faixa etária entre os 15 e 24 anos, levando em consideração a existência de variações de acordo com as situações sociais e as trajetórias pessoais dos indivíduos concretos.
- No Brasil dos anos 80 até recentemente, o termo adolescência predominou no debate público, na mídia e no campo das ações sociais e estatais. Neste período, vem a tona a questão dos “meninos de rua” no Brasil. Deu-se então, a luta que pautou a questão da infância e da adolescência, que teve como fruto a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Isso polarizou o debate no que diz respeito à juventude. Fez com que esse termo se referisse ao período da adolescência e praticamente todos os programas executados, tanto pelo Estado como por entidades da sociedade civil, estipularam como limite máximo os 18 anos de idade.
- Essa fase da vida designada por “juventude” é vista socialmente como período de transição entre a infância e a vida adulta. Essa transição em algumas sociedades é marcada por “ritos de passagem”. Na nossa sociedade ela era marcada por alguns fatores como: terminar os estudos, viver do próprio trabalho, sair da casa dos pais, casar, ter filhos, etc. Mas essas “passagens” são fronteiras que eram marcadas em outras gerações e que na juventude atual estão completamente borradas e misturadas (tornar-se pai na casa dos pais, a formação nem sempre antecede o emprego etc). Não há mais linearidade no processo de tornar-se adulto, as experiências dessa geração são distintas.
- Evidenciou a história do conceito de juventude ao mostrar que nos anos 60/70 juventude era sinônimo de movimento estudantil e que não incluía a juventude trabalhadora.
- A atual ambigüidade da categoria juventude é que ela envolve uma formação para a vida adulta (políticas de educação), assim como uma ação no mundo adulto, como agentes políticos e de direito. Esse impasse surge muito em função do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e suas políticas para a adolescência que envolvem proteção e tutela. políticas para juventude precisam pensar em liberdade e emancipação. Ou seja, “jovem” é diferente de “adolescente”.

- Juventude não é apenas uma passagem, mas tem um significado em si. Além da importância de se pensar nas diversas vivências da juventude marcadas pelo gênero, pela raça/etnia, pela classe social, etc. Daí o termo ser expresso no plural: juventudes.
- Destacou quatro diferentes paradigmas de juventude que aparecem nas políticas públicas:
 1. Juventude como período preparatório para vida adulta. Investe-se em educação.
 2. Como etapa problemática, de vulnerabilidade social. Investe-se em políticas de orientação que visam diminuir o risco social representado pelos jovens. Ou ainda, políticas que acelerem a passagem para a vida adulta.
 3. Jovem como ator estratégico para a mudança. “Salvador da Pátria”.
 4. Juventude cidadã. Jovem como sujeito de direito, desprovido de qualquer sentido essencial, bom ou mau. E para tomar o jovem como sujeito de direito, as políticas têm que se aproximar do modo como os jovens vivenciam suas experiências. Daí a necessidade do diálogo.
- Desta forma, observa-se hoje a necessidade de se pensar na pluralidade da vivência da juventude para a elaboração e implementação de políticas mais integradoras e efetivas. É preciso reconhecer a heterogeneidade do mundo jovem, para que se possam englobar nas ações as especificidades apresentadas pelas “juventudes”.

Maria Helena Berlink Martins (Lola) (Coordenadora do Programa Capacitação Solidária)

- A legitimidade e as demandas para políticas voltadas à juventude são decorrentes de uma pressão demográfica dos jovens dentro da população brasileira. Jovens são 20% da população e essa “onda jovem” continuará a pressionar até 2015.
- Contradições do viver juvenil: mais acesso ao ensino formal e a informação X menos acesso ao poder e a autonomia, mobilidade espacial X desenraizamento social, coesão interna do grupo social X fragmentação em tribos, preparado para mudanças produtivas X não produz novas tecnologias, potencial para exercer seu protagonismo X falta de oportunidade, desalento.
- Juventude é uma fase de extrema importância, pois é quando se experimenta a autonomia, as identidades e se constitui uma primeira visão do mundo adulto.
- Lola desconstruiu alguns mitos associados aos jovens: “não gostam da política”, quando na verdade eles não gostam dos políticos; “a juventude é apática”, quando cada vez mais surgem grupos de jovens organizados e é preciso reconhecê-los. Daí a necessidade dos gestores levarem em consideração a participação dos jovens para elaboração de políticas. Os jovens não são beneficiários passivos. São sujeitos políticos que pensam sobre suas demandas.
- Questão do trabalho é muito forte para o jovem, uma vez que é o principal caminho para a construção da autonomia e da liberdade. Contudo, o cenário é o de uma sociedade com queda vertiginosa de postos de trabalho. A solução desse impasse estaria em políticas que aumentassem a empregabilidade do jovem. Há de se aumentar a capacidade de conhecer e produzir tecnologia, aumentar as habilidades exigidas pelo mercado de trabalho. Esse é o foco da Capacitação Solidária. Além disso, a capacitação envolve também a ampliação da rede social e cultural, do capital social que aumenta a empregabilidade.

Microfone Aberto: após as exposições, foi aberto o microfone aos participantes para que realizassem perguntas e/ou fizessem considerações sobre o que foi exposto.

Pergunta: Políticas de educação e de trabalho devem ser pensadas juntas, de modo integrado, tendo como foco o jovem. No entanto, as políticas são contraditórias. O que vocês acham disso?

Resposta: Há necessidade de políticas estruturais para juventude não apenas na área da educação, mas também na cultura e no trabalho. Necessitam-se também de novos espaços de debate, sobretudo aqueles voltados para uma política de emprego voltada para o jovem.

MESA 2 - APRESENTAÇÃO DE PESQUISAS

Mapa da Juventude – Perfil e Comportamento do Jovem de São Paulo (Cedec - PMSP), Aylene Bousquat (Coordenadora do Centro de Estudos De Cultura Contemporânea) –

O Mapa da Juventude, encomendado pela prefeitura do município, pretendeu verificar homogeneidades e segregações dos jovens no espaço urbano paulistano. A pesquisa ouviu jovens entre 15 e 24 anos nos diversos bairros da capital em 2003.

Os objetivos desta pesquisa eram identificar e mapear os grupos e práticas juvenis, além de construir um perfil do jovem paulistano, dando subsídios para a elaboração e o desenvolvimento de políticas públicas.

- Segundo a pesquisa, a imagem do jovem como estudante varia segundo classe social. Na “zona homogênea 1”, 81% estudam, na “zona homogênea 5”, apenas 57%.
- Apenas 38% dos jovens têm acesso à internet.
- Grande parte da juventude está no mercado de trabalho, independente da classe social. O que varia segundo as classes sociais são os tipos de trabalho e o acesso a eles.
- No quesito filhos, na “zona homogênea 1” apenas 3% dos jovens possuem filhos; na “zona homogênea 5”, a porcentagem é de 18%.
- Quanto às políticas públicas que pensem em lazer juvenil, a especificidade do gênero deve ser levada em conta. Na pesquisa o *shopping center* foi apontado como principal espaço de lazer do jovem paulistano.
- No quesito participação, 14% dos jovens participam de Grupos de Jovem; grupos voltados principalmente para as artes, religião, lazer e ação social.

(OS RESULTADOS DO MAPA DA JUVENTUDE FORAM ENTREGUES EM CD-ROOM PARA TODOS OS PARTICIPANTES DO SEMINÁRIO. A PUBLICAÇÃO IMPRESSA ESTÁ DISPONÍVEL NA BIBLIOTECA DO CENTRO CULTURAL DA JUVENTUDE)

Retratos da Juventude Brasileira (Instituto da Cidadania, Instituto de Hospitalidade e SEBRAE), Helena Abramo (Assessora da Comissão de Juventude da Câmara de São Paulo)

A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira foi uma iniciativa do Projeto Juventude/ Instituto da Cidadania, com a parceria do Sebrae e do Instituto de Hospitalidade. A pesquisa foi realizada sob a responsabilidade técnica da Criterium Assessoria em Pesquisa, retomando

e ampliando temas e questões investigadas em outubro de 1999, pelo núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo.

Tratou-se de um estudo quantitativo, realizado em áreas urbanas e rurais de todo território nacional, junto a jovens de 15 a 24 anos, de ambos os sexos e de todos segmentos sociais. Os dados foram coletados entre novembro e dezembro de 2003.

- Helena Abramo ressaltou que o tema da juventude é recente, sendo muito significativa a existência de tantas pesquisas para serem discutidas. Mas há muita pesquisa por fazer. Pesquisas com séries históricas é uma investigação ainda inexistente. E séries históricas se justificariam porque há tendências em se comparar juventudes de tempos diferentes, mas não existem dados ou termos que fundamentem essa comparação.
- Pesquisas e estatísticas trazem algumas respostas e muitas perguntas.
- Nos resultados encontrados da Pesquisa Perfil da Juventude Brasileira foi constatada uma juventude eminentemente urbana (81%) e com pequena experiência de migração.
- Jovens cada vez mais se declaram negros em relação aos adultos.
- Maior parte dos jovens é solteira e sem filho (78%). Mas os dados variam muito segundo gênero e faixa etária. Das Mulheres entre 21-24 anos, 55% têm filhos. Assim, segundo esses dados vê-se que políticas para juventude têm de levar em conta as variáveis Gênero e Faixa Etária.
- Segundo a pesquisa é realmente na juventude quando se inicia a vida sexual.
- A maior parte dos jovens vive com os pais e não deixaria essa situação se pudesse. Helena se questionava sobre uma explicação para esse dado: “Será que as possibilidades de se viver a juventude em sua plenitude implicaria numa coabitação com os pais?”
- A parcela de jovens estudantes varia segundo a faixa etária. Entre 21-24 anos é de 47%. Quando a pesquisa foi feita havia 21% de jovens que não trabalhavam e nem estudavam. Os jovens nessa situação são comumente vistos como inseridos numa faixa de “vulnerabilidade social_“. Assim, normalmente, são essas preocupações que pautam as políticas públicas para a juventude, reforçando a idéia de “jovens problemas ou em risco”. Contudo, Helena deu outro peso e interpretação para esse dado; ela argumentou que os 21% de jovens que não estudam ou trabalham retratavam uma situação, e não uma condição imóvel. É uma situação muito variável, pois atualmente não há linearidade entre estudo e trabalho na vida do jovem.
- Trabalho é realidade para a juventude (o que não é verdade para os adolescentes). Juventude brasileira é eminentemente trabalhadora, e o trabalho está no centro de suas preocupações. E jovens de todos os níveis sociais estão na PEA (População Economicamente Ativa). A diferença está no tipo de emprego.
- Ainda segundo os resultados da pesquisa, os jovens revelaram que conseguiram seu primeiro emprego por meio de indicações de pessoas integrantes de sua rede familiar, ou ainda, por meio da indicação de conhecidos. Tal fato revela que a recomendação é de extrema importância para a conquista do primeiro emprego no meio juvenil.
- Segundo a pesquisa, a melhor coisa em ser jovem é não ter tantas responsabilidades (45%

das respostas). A pior é a falta de trabalho (20% das respostas). E segundo os entrevistados, deixa-se de ser jovem quando se tem responsabilidade pela família e por um orçamento próprio.

- Atividades de lazer da juventude mais freqüentes são as mais baratas, quando não as gratuitas.
- Jovens diferenciam os espaços para debate. Com os pais querem discutir educação, drogas e ética; com a sociedade querem discutir educação, pobreza, drogas e política; com os amigos querem discutir sexualidade e relacionamentos amorosos. Esses dados da pesquisa desconstróem a idéia do jovem alienado; eles sabem o que e com quem querem discutir diferentes assuntos.
- Ainda segundo a pesquisa, em geral os jovens são otimistas em relação ao seu futuro e a sua vida pessoal. Na maior parte das vezes essa esperança está no campo do trabalho, na perspectiva de encontrar um emprego. Nesse sentido, quase a totalidade da juventude acredita que sua vida vai melhorar.

Juventude, Escolarização e Poder Local (Fapesp, CNPq, USP, Ação Educativa), Elmir de Almeida (Professor do Curso de Pedagogia, USP - Ribeirão Preto)

- A pesquisa Juventude, Escolarização e Poder local investigou as ações destinadas aos jovens, em 74 prefeituras de cidades brasileiras, localizadas nas Regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul
- Seu objetivo foi mapear e estudar as políticas municipais que tinham a juventude como foco. É uma pesquisa sobre as políticas municipais para juventude e não sobre o jovem. Além disso, a pesquisa procurou ver que tipo de representação do jovem estava presente nessas políticas públicas.
- Políticas para a juventude começam a surgir a partir da década de 80, mas sua efetivação se concentra entre os anos 1997 - 2000 e 2001-2004. Os dados reafirmam o quão recente é esse campo, com políticas emergentes. Essa concentração também é reputada ao efeito espelho, uma prefeitura introduz as políticas para juventude e as prefeituras vizinhas “imitam”.
- Segundo os dados, variam muito os organismos públicos que organizam ações para a juventude - 23% das ações são de Assistência Social, 16,2% da Educação, 12% da Cultura, 11% do Esporte, 6,9% Juventude, 5,6% da Segurança Pública, 5,4% da Saúde, 4,4% do Trabalho. Ou seja, há uma fragmentação dos governos nas políticas para a juventude, são ações muito pulverizadas no interior do estado e políticas que padecem de maior organicidade.
- A pesquisa constatou que as principais iniciativas desenvolvidas encontram-se na área cultural, no acompanhamento e reinserção social e no esporte e lazer. Ficam, portanto, em segundo plano as iniciativas que estimulem a participação e o protagonismo juvenil, a promoção da saúde e a inserção no mercado de trabalho.
- Embora as principais iniciativas aconteçam na área da cultura, o que se pôde perceber é que as Secretarias de Cultura são responsáveis apenas por 12% das ações; tal fato revela que a cultura não é um fim em si mesmo, ou um direito. Ela é utilizada de modo instrumental para outros objetivos.

- Segundo a pesquisa, as prefeituras repetem o lugar comum sobre os jovens, eles surgem como seres “vulneráveis” ou estão “em situação de vulnerabilidade”, de modo que necessitam de ações públicas que os controlem ou tutelem. Os governos municipais reforçam a idéia de “jovem problema” ou “vulnerável”. Mas nessas ações também estão surgindo representações do “jovem como sujeito de direito”.
- Os recursos de políticas para juventude vêm, sobretudo, do âmbito Municipal (60%), Estadual (6,4%), Federal (14,2%) e da Iniciativa privada (5,8%).
- A faixa etária das ações revela a influência do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) - 30% das ações são para 7-17 anos, 24% para 14-29 anos e 26% para 7-29 anos. Revela-se, portanto, uma hibridez do público alvo das políticas públicas.
- Por fim, a pesquisa verificou que em 60% das ações, a juventude não participa da elaboração de suas políticas. A maior parte das prefeituras não toma os jovens como agentes políticos e de direito.

Microfone Aberto: após as exposições, foi aberto o microfone aos participantes para que realizassem perguntas aos palestrantes e/ou fizessem considerações ao que foi exposto.

Pergunta: Quais políticas públicas foram desenvolvidas levando em consideração os resultados dessas pesquisas?

Resposta: Até o momento houve a implementação de telecentros para “democratizar” o acesso a Internet e a construção de pistas de skate.

Perguntas sobre o tema trabalho: Como o próprio jovem desloca o sentido de trabalho? Quais são suas experiências e condições de trabalho? Dá para estudar trabalhando? A lei do aprendiz é respeitada? Qual é a jornada de trabalho adequada para um jovem?

Resposta: Há necessidade de se pensar no que é o conceito de trabalho no capitalismo moderno, isso porque os mesmos conceitos estão revestidos de diferentes significados. No que tange a juventude, sobretudo, o estágio é pouco discutido e não há regras de proteção para os novos empregos. Além disso, deve-se deixar emergir e mesmo deve-se discutir as diferentes experiências de trabalho da juventude. Os jovens estão angustiados e o medo do desemprego marca essa geração.

Pergunta: Quais as principais dificuldades encontradas para a realização das pesquisas?

Respostas: Falta de tempo, de verba, mas houve, principalmente, dificuldades na divulgação dos resultados das pesquisas. Isso porque é difícil fazer com que as pessoas abandonem o senso comum. As pesquisas apresentadas permitem um conhecimento da juventude que extrapola o senso comum, é mais fino e com mais nuances e isso permite a produção de políticas públicas mais bem elaboradas.

As pesquisas podem ser encontradas em:

www.scielo.br ou pode-se fazer busca pelo www.google.com.br - Mapa da Juventude

www.fpabramo.or.br - Retratos da Juventude Brasileira

www.acaoeducativa.org.br – Juventude, Escolarização e Poder Local.

Dia 21/09 - PARTICIPAÇÃO

Se no dia 20/09, nós discutimos a necessidade de tomar o jovem como interlocutor nas políticas que os têm como público alvo, a proposta deste dia foi refletir sobre a demanda da juventude para uma participação no mundo público e nas políticas públicas. Assim, foram apresentados os resultados de uma pesquisa feita pelo IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e relatadas, pelos próprios jovens, experiências de atuação no mundo público e na elaboração de políticas públicas.

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e PÓLIS- Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais).

- Essa foi uma pesquisa de âmbito nacional coordenada pelo Ibase/Instituto Pólis que visava conhecer as possibilidades e limites da participação de jovens em atividades políticas, sociais e comunitárias.
- Pretendia ampliar o debate sobre participação cidadã da juventude e contribuir para subsidiar a elaboração e implementação de políticas públicas nas três esferas de Governo: Nacional, Estadual e Municipal..
- A primeira fase da pesquisa foi feita por uma amostragem, em que os jovens respondiam um questionário. Era perguntado ao jovem se ele gostaria de participar de Grupos de Debate.

Apresentação do Relatório da Região Metropolitana de São Paulo- Ana Paula Corti (Coordenadora de Projetos da Área de Juventude da Ação Educativa)

- A Região Metropolitana de São Paulo é formada por 39 municípios, possui uma população de 19 milhões de pessoas (10 milhões na Capital), sendo que 3 milhões e 400 mil são jovens entre 15 e 24 anos (18% da população).
- A etapa quantitativa da pesquisa foi realizada em outubro de 2004, e aplicou questionário em 1.400 jovens da região metropolitana.
- A etapa qualitativa - os grupos de diálogo - foi realizada entre março a abril de 2005. Foram formados 5 grupos de diálogo, envolvendo 105 jovens da região metropolitana de São Paulo.
- Nos grupos de diálogo os jovens discutiram a “participação” a partir de três temas: educação, trabalho e cultura/lazer.
- Numa primeira etapa, os jovens discutiam propostas para educação, trabalho e cultura/lazer. Depois, eles debateram sobre caminhos participativos que poderiam viabilizar suas próprias propostas. Ou seja, os jovens eram convidados a debater sobre os caminhos participativos que eles tomariam para efetivar suas próprias propostas.

- No tema Trabalho, as propostas incluíam: mais cursos profissionalizantes; mais capacitação; mais emprego, renda e trabalho; uma luta contra a discriminação (raça, origem, estética e falta de experiência); programas que ofereçam apoio para a busca de emprego (sobretudo transporte e alimentação) e diminuição da exigência por experiência profissional.
- No tema da Educação, os jovens pediam: melhor capacitação dos professores para falarem com o jovem; mais qualidade de ensino (aulas e condições físicas da escola); revisão da “aprovação automática” (progressão continuada); atualização da escola que precisa se abrir para temas recentes e de interesse do jovem e mais vagas no ensino superior.
- Quanto à Cultura, os jovens pediam: a potencialização de áreas e atividades já existentes; a ampliação do acesso e a criação de centros culturais nos bairros.
- Os jovens discutiram caminhos para viabilizarem suas propostas, os caminhos possíveis na pesquisa eram: 1- Participação Institucional (grêmios, partidos, sindicatos, associações de bairro), 2- Voluntariado e 3- Grupos Juvenis.
- 1) A Participação Institucional foi associada ao governo e aos “políticos profissionais”, com uma imagem negativa, pois acreditam que os políticos têm apenas interesse próprio e não lutam pelo bem comum. Mas ao mesmo tempo, os jovens percebiam que esse caminho era o caminho do “Poder”, e que oferecia mais possibilidades de efetivação de suas propostas. Contudo, a inexperiência e a falta de informações apareciam como obstáculos para a participação. (Foi o caminho menos escolhido em São Paulo)
- 2) O Voluntariado apareceu como forma de trabalho em grupo e que é voltado para a realidade comunitária. Ele permitiria refazer e aumentar vínculos sociais, porém para os jovens, as ações voluntárias nunca atingiriam a raiz dos problemas sociais. A falta de tempo aparecia como empecilho à participação voluntária. Esse foi o caminho mais escolhido, em São Paulo, e levou também a uma redefinição de voluntariado por parte dos propositores da pesquisa. Isso ocorreu porque os jovens participantes da pesquisa entendem o voluntariado como uma ação coletiva e de cooperação, e não como uma ação assistencialista .
- 3) Os Grupos Juvenis eram pouco conhecidos pelos jovens e mais associados ao tempo livre, logo, considerados distantes da participação política. Mas esse caminho foi valorizado pelos jovens, pois permite a livre expressão dos jovens e a construção de identidades.
- Segundo a pesquisa, as Políticas de Participação mais sintonizadas com o público jovem são as grupais, comunitárias e voluntárias; que envolvam os adultos - com quem querem dialogar - e que vinculem o Poder com as instituições menores. Há uma potencial energia participativa do jovem.
- O caminho institucional foi o que mais gerou debate entre os jovens, eles reconheceram a importância da participação institucional para concretizar seus direitos, mas não se dispunham pessoalmente a se engajar. Inexperiência e falta de conhecimento dos jovens aparecem como obstáculo à participação política. Os jovens não sabem como participar dessa política e desconhecem a regra democrática. Para que os jovens participassem da política institucional ela precisaria estar conectada com outras formas de participação e com novos sentidos políticos.
- Desafio é, portanto, aproximar os jovens do mundo da política institucional e ao mesmo tempo fazer as instituições reconhecerem outras formas de ação política juvenil.

Apresentação do Relatório Nacional - Anna Luisa Salles Souto (Coordenadora do Instituto Pólis)

- Perfil da juventude estudada: maioria é das classes C, D e E; quase metade se declara preto ou pardo, a maioria é católica, solteira e sem filhos. É uma juventude eminentemente trabalhadora, entretanto 27% dela não trabalha e não estuda.
- A vivência da juventude no Brasil é marcada por diversidades, mas também por profundas desigualdades entre as regiões e no interior dessas regiões.
- As preocupações juvenis estão nos campos: 1- da violência, segurança, criminalidade; 2- do trabalho, emprego, desemprego, primeiro emprego; 3- da educação; 4- da miséria.
- As propostas nacionais, elaboradas pelos jovens, para Educação são parecidas com as do âmbito municipal. Para o Trabalho as categorias cor/raça, gênero, faixa etária, classe social e grau de instrução influenciam muito na entrada no mercado de trabalho. Daí as preocupações juvenis com um mercado de trabalho restrito, em conseguir o primeiro emprego, com o preconceito diante da juventude e com sua inexperiência. Na área da Cultura/Lazer a escola aparece como o espaço mais importante para garantir alguma acessibilidade. Na escola os jovens lêem mais, têm mais acesso a computadores, vão mais ao teatro e museus. Escola é o único equipamento presente universalmente, daí sua importância.
- Jovens quando falam em “falta de oportunidade” revelam as desigualdades do país e um desejo de democratização.
- Eles desacreditam dos políticos e não da política. Ou seja, no campo da política haveria espaço para mudança e para resolver efetivamente os problemas sociais.
- Para participar os jovens querem canais de diálogo entre o governo e os cidadãos. E quanto maior a escolaridade do jovem, maior a sua participação.
- O grande desafio a ser enfrentado diante desse diagnóstico, é aproximar esses jovens da política.
- As pesquisas mostram jovens “atenados” e não alienados, que cobram a responsabilidade do Estado, mas reconhecem sua parte para construir uma sociedade melhor. Jovens querem participar, querem espaços para se manifestar e querem ser ouvidos. Querem interação de qualidade com o Estado. Para tal apontam a necessidade de relações de poder horizontais e sua inclusão Social e Política.
- Medidas urgentes seriam socializar informações sobre as formas de participar, fomentar mecanismo de participação e tornar a escola um lugar privilegiado para o exercício da cultura participativa.

As pesquisas podem ser encontradas em: www.polis.org.br ou www.ibase.org.br

- EXPERIÊNCIA DOS GRUPOS

Essa mesa mostra como grupos de jovens têm se mobilizado e se organizado em torno do debate de políticas públicas e da criação de alternativas para atender as demandas das diferentes juventudes.

Sandro Rogério (Ice-Boy) Ativista do MH2O - Movimento Hip Hop Organizado e Coordenador Político do projeto Mercado Alternativo.

- O MH2O é um movimento ligado ao hip-hop, que montou um projeto de mercado alternativo e conseguiu verba do Governo Federal para financiá-lo.
- Eles partiram do diagnóstico de que o hip-hop movimentava um mercado consumidor gigantesco que estava concentrado nas mãos dos empresários. Eles, consumidores dessa cultura, queriam se tornar auto-suficientes e independentes. Queriam eles mesmos empresariar o hip-hop. Para efetivar tal projeto eles criaram seis empresas de propriedade coletiva na periferia de cinco capitais, trabalhando a capacitação do jovem de periferia, além de criar postos de trabalho. O objetivo, segundo Ice-Boy, não é acumular capital e sim aumentar e valorizar o potencial jovem.
- Investiu-se na capacidade empreendedora do jovem, da qual muitas vezes o governo desconfia.
- Esse empreendedorismo está no cotidiano e foi captado para as empresas, o garoto “bom de lábia” vira vendedor na empresa, o gerente da “boca de tráfico” vira gerente de empresa, o vendedor de bala no ônibus vira “marketeiro”.
- As dificuldades de efetivação de projetos como esse são a falta de vontade política, de investimentos e a intermitência das verbas que param por ocasião de eleições ou escândalos políticos, prejudicando o andamento do projeto.

Wilq Vicente - Cinema de Quebrada

- Mercado de trabalho é preocupação constante do jovem, mas em qual área ele quer trabalhar? Segundo Wilq, as áreas de audiovisual aparecem como as mais citadas entre os jovens.
- Esses projetos de democratização da comunicação e dos meios de sua produção começaram em 2001, com o Kinoforum, que era uma oficina de audiovisual itinerante. Ele ensinava a produzir, fazer roteiro, filmar e não apenas a assistir. A idéia se espalhou por várias ONG's que têm como objetivo não a capacitação técnica e sim o desenvolvimento pessoal dos jovens atendidos. Contudo, a democratização dos meios de produção audiovisual é um direito.
- Foram nessas oficinas de ONG's que surgiram núcleos de produção independente nas periferias das cidades, que trabalham coletivamente e passaram a procurar pelos editais públicos e por instituições que apoiassem oficinas de vídeo.
- Em 2005, o poder público abriu espaço para o diálogo: o Fórum de Cinema Comunitário. As demandas principais eram por mais acesso aos meios de produção e mais acesso às verbas.
- Os integrantes do fórum fizeram filmes e organizaram o festival de Cinema de Quebrada. Além disso, vários núcleos independentes tiveram seus projetos aprovados pelo VAI (Programa para Valorização de Iniciativas Culturais).
- O Fórum deixou de existir por falta de verba. E o VAI ainda disponibiliza pouca verba para muita demanda. Além disso, outros Editais apresentam barreiras para a participação desses núcleos alternativos, entre essas barreiras está a exigência por CNPJ e outros pré-requisitos.
- Os membros desses núcleos alternativos de audiovisual demandam verbas e editais especiais para pessoas físicas. Além disso, querem auxílio para acabar com a dependência das ONG's, de seu equipamento e de suas verbas para finalização das obras. Querem mais verbas originadas pelo Estado e não pelas ONG's. O dever, segundo Wilq, é do Estado.

Stela Almeida - Baladaboa, Pesquisa do Instituto de Psicologia da USP

- A pesquisa parte do fato de que o consumo de ecstasy é uma realidade e que está próxima do jovem. Stela então propõe um projeto de Redução de Danos que visa diminuir os problemas de saúde causados por seu consumo, a partir de informações idôneas e científicas.
- O aconselhamento é para a redução do uso, para que se consiga uma redução dos danos. O programa pretende informar o usuário sobre a toxicidade do ecstasy, suas interações com as outras drogas e outros dados que ajudem a diminuir o risco para a saúde. A filosofia que subsidia o projeto é a de que “a escolha livre é uma escolha consciente”. E essa consciência é conquistada com informações idôneas e científicas e não por julgamento morais.
- O programa despertou muito interesse dos usuários.

Ana Carolina (Tikka) - Fórum de Arte de Rua e Projeto Galerias ao Ar Livre

- Ela disse que o Brasil é uma referência mundial em arte de rua.
- Arte de rua é arte jovem. Os jovens que a realizam querem ser notados, querem se expressar e intervir na cidade e no cotidiano dos outros.
- Essas intervenções são os graffitis, os lambe-lambes, stencil, pichações e os stickers.
- Há, contudo, um impasse no que tange essas artes de rua: há galerias que pagam caro por esse trabalho artístico; porém existe uma perseguição oficial a essas práticas. Tal perseguição envolve tanto apagar os desenhos, como a violência policial. Diante desse quadro Tikka se perguntava: “quem decide se é arte ou crime, se é artista ou vândalo? O que não pode é sofrer violência!”
- Arte de rua, segundo Tikka, envolveria lugares autorizados e não autorizados: “é uma arte de manifesto e manifesto autorizado não faz sentido!” A pichação está associada também a um esporte radical. Deste modo, a ilegalidade também aparece como uma das motivações para as intervenções.
- O maior problema destas artes de rua é que a demanda é muito grande, tanto no que se refere às tintas quanto aos muros.

Alexandre Viana - Revista 100% Skate

- Segundo Alexandre, o Skate é uma política pública para a juventude que já deu certo, que conseguiu representatividade e consolidação. Mas ainda há desafios.
- Esse sucesso do skate deve-se ao fato dele não ser meramente um esporte, mas estar conectado a toda uma cultura - que é a cultura de rua - que também envolve o hip-hop. Mas, sobretudo, skate é cultura jovem.
- No início, diz Alexandre, a falta de apoio levou à mobilização. Além disso, havia um preconceito com o skate, mas a organização e o sucesso internacional dos skatistas brasileiros levaram a um maior reconhecimento público.

- Em 1995, criaram a Revista “100% Skate”, que era um projeto para ter um espaço na mídia dedicado ao skate.
- Em 2000, fundaram a Federação Brasileira do Skate, com praticantes do esporte, e o objetivo era fazer o skate crescer e ter mais relações com o poder público.
- O skate tem o background de uma indústria o que propicia uma estrutura maior de negociações.
- Atualmente, o skate tem credibilidade com o poder público, o problema é a continuidade de suas políticas. Em sua fala disse: “Nosso partido é o skate, o jovem, a sociedade civil e temos que negociar com os diferentes governos!” Segundo Alexandre, hoje em dia, o objetivo é usar o skate para aproximar seus usuários de outras coisas importantes. O skate acaba por servir como gancho.
- Antes, havia entre 30-40 pistas de skate no Brasil, hoje há por volta de 1150. Isso é resultado da organização de um grupo antes discriminado.
- Alexandre ainda deu dicas para os jovens obterem sucesso ao elaborarem políticas públicas, são elas:
 - 1- Fazer uma pesquisa para comprovar demanda por tal política.
 - 2- Mensurar os resultados das ações para conseguir negociar com os poderes.
 - 3- Garantir a continuidade dos projetos. Dados de eficácia garantem a continuidade, e a periodicidade cria expectativas e valoriza o evento diante de seus participantes.
- Resumindo, o skate é uma política pública da juventude que deu certo.

Luiz Flávio Lima - Instituto Sala 5 e Revista Menisquência

- Luiz contou um pouco de sua história de vida. Tem 23 anos é gestor social.
- Em 1999 começou a participar de movimentos sociais como: grupos juvenis, grêmios estudantis e campanhas de mobilização social na região em que mora.
- Em 2001, ele fundou o Instituto Sala 5, com cursos de desenho, teatro, idiomas, etc na região da Brasilândia. Surgiu então o projeto de produção da Revista “Menisquência”, que foi lançada em agosto de 2006.
- No Instituto Sala 5, os jovens participantes são formados e em seguida atuam. Têm aperfeiçoamento técnico e produzem todo conteúdo da revista (atuação). Eles também são responsáveis pela distribuição da revista, que traz renda para o jovem e para o auto-sustento da revista.
- Objetivo do Instituto Sala 5 é incentivar jovens a gerarem **oportunidades** - frente aos problemas que os afligem - por meio de um processo composto por duas fases: Formação e Intervenção Comunitária. Luis Flávio ressaltou ainda, que um dos pontos mais importantes para a sobrevivência e aperfeiçoamento da ONG foi o amplo apoio de uma grande rede social na qual conseguiram inserir.

Djalma Góes (Nando C) - Fórum Hip-Hop e o Poder Público Municipal e Núcleo Cultural Força Ativa

- Djalma falou de uma juventude marcada por perseguições e exclusões, que só mudou com a sua identificação com o hip-hop. E foi via rap que ele chegou à política. Segundo ele, o rap não é para ganhar dinheiro fazendo shows, mas para despertar e criar identidade nos jovens.
- A Força Ativa é um movimento que discute preconceito e discriminação. Ele tem como participantes entre 20-30 jovens negros. Eles começaram a trabalhar nas escolas dos bairros, trazendo uma linguagem jovem para o jovem, além de uma discussão sobre identidade e promoção de auto-estima. Montaram uma biblioteca comunitária sobre a temática étnico/racial, sobre jovens e sobre direitos humanos, que contou com verba do VAI (Programa para Valorização de Iniciativas Culturais). Além disso, eles participam do programa “São Paulo um Estado de leitores”, de “Oficinas de Leituras nos Quilombos” e dos “Novos Sentidos da Educação Escolar”. Fizeram também um projeto de “Agente Comunitário de Direitos Humanos” e pleitearam um Centro de Testagem e Aconselhamento em DST's e Aids (CTA), em parceria com o Plantão Jovem.
- O Fórum hip-hop e o Poder Público Municipal tem como objetivo dialogar com o poder público e apresentar projetos de políticas públicas. Entre estes projetos há o hip-hop como tema transversal da escola, o combate à discriminação, a organização de uma agenda hip-hop na cidade, etc. O fórum é uma organização de relações horizontais, e essa horizontalidade trouxe bons resultados para a organização do fórum. Além disso, o hip-hop tem produzido políticas públicas para juventude e propõem diálogo com as diferentes secretarias, mas infelizmente ainda não conseguiu interferir de maneira significativa nas ações das secretarias.
- Ao final de sua fala, Djalma enfatizou sua posição: “O hip-hop não quer só fazer show, quer elaborar políticas públicas para a juventude!”

Dia 22/09 - POLÍTICAS PÚBLICAS

Foi um dia em que travamos contato com Políticas Governamentais para a juventude nas áreas do Trabalho, da Cultura, da Saúde e da Coordenadoria da Juventude.

EXPERIÊNCIAS DO PODER PÚBLICO

Gilmar Viana (Secretário Municipal do Trabalho)

- Segundo o secretário, a solução para o problema do trabalho não está no curto prazo, ela tem de ser pensada no médio e longo prazo.
- Nos anos 50/60, São Paulo passava por um processo de industrialização acelerada, então, as formações técnicas eram uma ponte para o emprego. No entanto, a partir da década de 1970, a cidade começa a sofrer um movimento de desconcentração industrial. Hoje, apenas 15% da PEA (População Economicamente Ativa) está no setor industrial.
- Nas periferias de São Paulo, o desemprego entre os jovens é da faixa de 50 – 55%, o que

implica em uma vulnerabilidade social muito alta, que tem como resultado altos índices de criminalidade, de gravidez na adolescência, de consumo de drogas etc. Não se pode esquecer que a população carcerária também é eminentemente jovem.

- Para mudar esse quadro é preciso se pensar numa política de emprego eficaz para São Paulo, e para tal há de se localizar onde está o dinamismo econômico da cidade. Ou seja, quais são os setores emergentes desta economia.
- Não há pesquisas, ainda, que mensurem o impacto no PIB dos setores emergentes. Sem conhecer as cadeias produtivas desses setores emergentes fica difícil elaborar políticas públicas. É sabido, no entanto, que São Paulo tem, hoje em dia, vocação para o Setor de Serviços, o Setor Terciário.
- O Programa Capacita Sampa tenta qualificar a mão-de-obra jovem justamente para esses setores emergentes:
 - Gastronomia/alimentação
 - Tecnologia de Informação/informática avançada
 - Eventos
 - Hotelaria
 - Moda
- São Paulo tem eventos que atraem muitos turistas, os dois maiores são a Parada Gay (400 – 500 mil turistas) e o Grande Prêmio de Fórmula 1 (60 – 100 mil turistas). Além disso, a São Paulo Fashion Week tem grande impacto nos negócios da cidade. Deste modo, os turistas e empresários em São Paulo movimentam diversos setores da economia (hotelaria, eventos, gastronomia, cultura, etc.).
- O Programa Capacita Sampa tem como público alvo os jovens entre 16 e 20 anos, e oferece 560 horas de cursos de qualificação profissional. Os participantes do programa recebem uma bolsa de R\$200,00. Segundo Gilmar Viana, destas 560 horas, 160 delas são dedicadas ao reforço de português, matemática e computação. A necessidade do reforço nessas áreas revela uma deficiência na educação básica. E para uma capacitação eficaz, a educação clássica e de qualidade é pré-requisito. Nas 400 horas restantes, os jovens são qualificados nas áreas de tecnologia da informação/informática avançada; gastronomia/alimentação; turismo/hotelaria/eventos e cultura participando de atividades teóricas e práticas
- Outra vantagem do programa, segundo o Secretário, é que ele capacita os jovens para serem autônomos ou prestadores de serviços, ou seja, eles estão treinados para o mercado de trabalho atual, o qual se afasta do modelo CLT, que já não é uma realidade no mercado de trabalho atual

Microfone Aberto: após a exposição, foi aberto o microfone aos participantes para que realizassem perguntas ao Secretário e/ou fizessem considerações sobre o que foi exposto.

Perguntas: Como participar do Capacita Sampa? Quais outras políticas da Secretaria do Trabalho para os jovens? Como agregar os jovens da periferia nesses setores emergentes que estão na área central da cidade? Como melhorar a educação para melhorar a capacitação?

Respostas (Gilmar Viana):

- Para participar do programa Capacita Sampa, o jovem precisa ter entre 16 e 20 anos, pertencer a uma família de baixa renda, estar estudando ou ter concluído o Ensino Médio, estar desempregado e residir na cidade há pelo menos dois anos.
- As políticas de micro-crédito, sobretudo na periferia, financiam o potencial empreendedor da região além de gerarem empregos nessas localidades. A prefeitura de São Paulo possui o programa “São Paulo Confia” que tem como objetivo de oferecer crédito a pessoas de baixa renda que não conseguem acesso a financiamento no sistema bancário tradicional por terem restrições cadastrais (nome inscrito no SPC ou Serasa), falta de comprovante de renda e garantias de pagamento. O valor mínimo de empréstimo é de R\$ 50 e o máximo de R\$ 5.000. Há unidades do “São Paulo Confia” nas diversas regiões da cidade, entre elas estão: Heliópolis, M’Boi Mirim, Jd. da Conquista, São Miguel Paulista, Jd. Helena e Brasilândia
- Quanto às políticas de capacitação para a promoção de emprego, elas têm de ser desenvolvidas levando em consideração os setores emergentes da economia da cidade. E tais setores emergentes estão localizados nas regiões centrais do município. Mas o impacto econômico dessas áreas delinea-se enquanto um movimento concêntrico, parte do centro mas também impacta os arredores, ainda que com força menor
- No caso da capacitação não há como abandonar o reforço do Ensino Médio. Mas não dá para se falar de Trabalho, se não falarmos em Educação. As políticas têm que ser conjuntas, não há como separar. A necessidade de políticas articuladas não se limita ao campo da Educação, deveria incluir a Assistência Social etc. que também têm que trabalhar de modo articulado.
- Selo da Diversidade, que será lançado pela Secretaria do Trabalho, tem um pouco esse espírito (de política pública integrada), quer premiar as empresas que dão valor à diversidade de gênero e raça/etnia nos seus quadros de empregados. Ou seja, ajuda a promover uma igualdade de oportunidades e a eliminar formas de discriminação no mercado de trabalho.

Maria do Rosário Ramalho (Secretaria Municipal de Cultura – Coordenadora do Programa VAI)

- VAI é o Programa para Valorização de Iniciativas Culturais que teve como base a Lei nº 13.540, de 24 de março de 2003 (Projeto de Lei nº 681/02, do Vereador Nabil Bonduki - PT). Este programa também é resultado de um debate interno à Secretaria de Cultura que revia as políticas e leis de incentivo à cultura no município.
- Segundo Maria do Rosário, a juventude é uma fase de experimentação e de construção de identidade; e a cultura seria um campo privilegiado para a formação de grupos de interesse e de identidades juvenis. Desse modo, o programa VAI é, em certa medida, voltado diretamente para a juventude. Contudo, a falta de verbas na área de cultura é uma realidade. Uma luta recente foi conseguir manter a mesma verba (1 milhão de reais) destinada ao VAI, que estava sob risco de redução, mas que com o apoio do Secretário Calil, foi mantido plenamente.
- O programa financia pessoas físicas e jurídicas cujos projetos culturais tenham orçamento cotado em até R\$17.000,00. Trata-se, portanto, de um programa de subsídio e não de contratação. É uma verba direta para a cultura e para o jovem, sem a intermediação de outras instituições (ONG’s, etc).

- O programa procura contemplar projetos culturais de jovens de baixa renda, que promovam ações coletivas, com diversidade de linguagens e que sejam originais. O programa seleciona projetos também levando em conta a sua distribuição nas diversas regiões da cidade, evitando concentrações em apenas algumas áreas.
- Em 2006, segundo Maria do Rosário, foram selecionados 59 projetos, contudo 758 projetos foram inscritos e 40% destes foram propostos por jovens.
- A demanda para o VAI é muito grande e para contemplar mais projetos, em 2007, haverá uma verba maior: R\$200.000,00 para pessoa jurídica e R\$1.000.000,00 para pessoa física.
- A grande qualidade do programa é que ele é importante para a formação dos jovens proponentes de projetos. Assim, a comissão avaliadora dá mais ênfase no desenvolvimento dos projetos do que em seus produtos finais.
- Essa comissão acompanha o andamento dos projetos, discute com seus proponentes, orienta e auxilia. Ou seja, o programa permite a experimentação e a reorientação dos projetos.
- Entre os proponentes da seleção de 2006, havia uma concentração de homens, com alta escolaridade e um crescente número de jovens que são de áreas excluídas ou que desenvolvem seus projetos nessas áreas. Há também uma concentração de projetos na área de teatro.
- Os contemplados pelo VAI apontaram como resultado de sua participação no programa um aumento de repertório, de respeito e da rede de contatos sociais.
- As questões que agora devem ser enfrentadas pelo VAI são:
- A sustentabilidade dos projetos depois de serem contemplados pelo programa.
- A dificuldade dos jovens, sobretudo os de baixa escolaridade, em elaborar os projetos para o VAI. Mas isso deve ser sanado com cursos que ensinam a escrever, organizar e cotar os projetos. Inclusive, em 2005, a Coordenadoria Especial da Juventude promoveu um curso de Elaboração de Projetos Culturais. O objetivo era capacitar jovens de 17 a 29 anos na elaboração de projetos culturais para a obtenção de recursos, valorizando a criatividade, eficácia e sustentabilidade de suas iniciativas. Pretendia ainda, levá-los a conhecer e utilizar diferentes meios de fomento à produção artística em sua Comunidade.

Marcos Veltri (Secretaria Municipal de Saúde – Coordenador do Programa Plantão Jovem)

- A Secretaria municipal de Saúde tem diversos serviços especializados em DST/Aids que garantem acesso à prevenção e ao tratamento:
 - CTA – Centro de Testagem e Aconselhamento,
 - SAE – Serviço de Assistência Especializada,
 - CR – Centro de Referência,
 - AE – Ambulatório de Especialidades.
- Em todos esses serviços se realizam testes, consultas, orientações de prevenção e tratamento

de DST's/Aids. Todas as unidades distribuem camisinhas femininas e masculinas, materiais educativos e kits de redução de danos para usuários de drogas injetáveis.

- O setor de prevenção trabalha com o seguinte lema: “no lugar de tutela, o diálogo e o protagonismo”. Daí a existência de uma política de prevenção dialogada que privilegia a conversa e uma comunicação mais efetiva, que pontencializa a auto-estima dos usuários do serviço de saúde.
- O Plantão Jovem é um programa que trabalha com o protagonismo do jovem para a promoção da prevenção DST's/Aids. São jovens entre 16-24 anos, capacitados, que recebem uma bolsa de R\$300,00 para falar com o público jovem sobre práticas preventivas e direito à saúde. Trata-se do princípio da educação pelos pares. Atualmente existem 32 agentes contratados no município.
- Esses jovens agentes fazem o acolhimento de outros jovens em grupos de teatro, dança e oficinas que despertam a importância da prevenção. Nesses grupos há também troca de informações e experiências, além da distribuição de preservativos. Até junho de 2006 o Plantão Jovem havia distribuído 67.330 preservativos de 52mm e 6.769 de 49mm. Neste mesmo período as unidades especializadas em DST/Aids haviam distribuído 12.254 preservativos de 52 mm e 1.528 de 49mm.
- O Plantão Jovem tem ainda alguns desafios:
 - Fazer do agente jovem mais do que um voluntário (status atual), mas sim um profissional.
 - A necessidade de integração entre os diferentes projetos de prevenção e ações de setores diversos da prefeitura.
 - Ampliar as ações preventivas e de saúde para segmentos como jovens e adolescentes em situação de rua, ou ainda, para os jovens com problemas com a lei.
 - Ampliar as ações para com jovens com HIV/Aids.
 - Articulações preventivas com as redes sociais de proteção da criança e do adolescente.

Gabriela Calazans (Coordenadora Geral de Política Pública Municipal de Saúde para Adolescentes e Jovens, 2001-2004)

- As políticas efetivadas partiram do diagnóstico de que os problemas de saúde das pessoas e dos jovens, estão relacionados com suas condições de vida e decorrem de seus modos de viver a vida (seus espaços sociais para a realização pessoal, hábitos e comportamentos nessa construção pessoal, etc). Assim sendo, o papel do serviço de saúde é servir de apoio para que os jovens desenvolvam seu projeto de vida com saúde.
- Essa política envolvia três eixos de ação:
 - A elaboração de um seminário sobre Saúde de Adolescentes e Jovens junto com a semana de prevenção à gravidez na adolescência. Como resultado do seminário, chegou-se a conclusão que a gravidez é apenas um aspecto dos direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes e jovens, e que existem vários outros que inclusive têm mais importância para a maioria dos jovens.

- Treinamento e formação de profissionais da saúde para que fossem amigáveis e acolhedores aos jovens. (Havia reclamação dos dois lados; dos funcionários da saúde que declaravam que os jovens não procuravam o serviço e dos jovens que não conseguiam ser atendimentos do modo acolhedor e informativo).
- Reuniões mensais com profissionais de saúde que quisessem trabalhar com jovens. Era um espaço de orientação, de troca de experiências, de debate e discussão dos profissionais com os jovens (jovens multiplicadores, grupos de jovens convidados para discutir a saúde dos jovens e os serviços de saúde que os tinham como público alvo). As reuniões visavam conhecer as experiências daqueles que trabalhavam no Projeto de Multiplicadores, Projeto de Acolhimento, Projeto Plantão Jovem, ou seja, com a educação por pares (jovens falando com jovens). Essa metodologia facilita o diálogo com o serviço e com os técnicos de saúde.
- Mas permanece como desafio fazer dessa experiência de educação por pares uma experiência profissional. Isso porque os jovens bolsistas do projeto têm de assinar um termo de voluntariado. Gabriela ressalta, nessa medida, a necessidade de elaboração de políticas públicas articuladas entre as Secretarias do Trabalho e da Saúde. Tais políticas poderiam transformar essa experiência dos jovens no serviço de saúde numa experiência profissional, de qualificação e inserção no mercado de trabalho.

Renato Musa (Centro Cultural da Juventude – Coordenador de Programação e Coordenador de Fóruns na Coordenadoria da Juventude 2005 a março/2006)

- Renato Musa tratou da experiência dos fóruns na Coordenadoria da Juventude. Essa instituição queria manter um diálogo direto com os jovens visando à elaboração de políticas públicas, onde os jovens pudessem participar de sua concepção e de sua implementação.
- A idéia foi organizar fóruns temáticos, onde os jovens pudessem discutir e pensar em ações voltadas para as suas especificidades e não fóruns de “política” que, muitas vezes, são hierarquizados e permeados por questões partidárias. Procurava-se um espaço para a discussão de propostas e soluções e não para disputas de poder. Ou seja, buscava-se, segundo Musa, o engajamento e a participação dos jovens que não fossem restritos a militantes de “partidos políticos”.
- A falta de experiência democrática fez com que os fóruns fossem inicialmente vistos com desconfiança pelos jovens. Depois da compreensão da relação de mediação ali existente, estabeleceram-se as regras de convivência e os fóruns engrenaram. O que mais se salientava ali era o apartidarismo da atividade que foi esclarecida enquanto política de governo, no sentido da administração da coisa pública.
- Organizaram-se quatro fóruns temáticos para a discussão de políticas públicas:
 - Fórum Hip-Hop e Poder Público Municipal – Ainda permanece ativo e pensando políticas públicas para a juventude.
 - Fórum de Políticas de Cinema – Permanece ativo na forma de rede eletrônica.
 - Fórum de Música Eletrônica – Este se desmobilizou.

- Fórum de Arte de Rua – Tratou o tema polêmico de se pensar a pichação como forma de arte, pensar a cidade como obra de arte coletiva, o que levaria a políticas públicas que têm a estética como ponto de partida. Hoje em dia chama-se Fórum de artes de rua e continua ativo.
- O objetivo dos fóruns era criar um espaço de diálogo entre os jovens e a prefeitura, uma vez que o poder público trata a juventude com desconfiança e por sua vez, os jovens nem sempre estão habituados a pensar a cidade e propostas de melhoria para ela.

Microfone Aberto: após as exposições, foi aberto o microfone aos participantes para que realizassem perguntas aos palestrantes e/ou fizessem considerações ao que foi exposto.

Perguntas: Como solucionar os problemas de acesso aos serviços de prevenção de DST/Aids entre os jovens em medidas sócio-educativas, semi-liberdade ou internação?

Respostas:

- (Marcos Veltri): Luta-se pela distribuição de preservativos na internação e por um programa de capacitação dos profissionais de saúde da Febem, além disso, objetiva-se a articulação de serviços especializados em DST/Aids com os postos de liberdade assistida.
- (Gabriela Calazans): Os serviços de saúde refletem os preconceitos da sociedade na qual estão inseridos; daí a restrição dos profissionais da saúde aos jovens em medidas sócio-educativas. Assim, pensar a saúde no regime de internação é uma questão delicada e complicada. Os jovens estão privados de liberdade, mas não de seus outros direitos. Isso está sendo discutido, mas falta vontade política e há limitações institucionais.

Sugestões:

- (Gabriela) – Sugere a existência de fóruns setorializados (trabalho, saúde, cultura, etc) no Centro Cultural da Juventude (CCJ) para discutir com os diversos segmentos do poder público.
- (Paulo) – Sugeriu a criação de um “Banco de Projetos” no CCJ para onde seriam enviados os projetos que não foram contemplados pelo VAI.

CAMINHOS E AÇÕES

Os participantes do seminário se reuniram em quatro Grupos de Trabalho e elaboraram respostas para as seguintes questões propostas pela comissão organizadora do evento:

- 1- O que você pôde aproveitar do que viu aqui no seminário para melhorar o seu trabalho?
- 2- O que a Prefeitura precisa fazer para aproveitar essas sugestões (respostas a questão1)?
- 3- Como um Centro Cultural como este (Centro Cultural da Juventude - CCJ) pode auxiliar vocês em seus respectivos trabalhos?

GRUPO DE TRABALHO 1

Respostas à questão 1:

- A própria iniciativa do seminário é algo que pode melhorar nossos trabalhos.
- A possibilidade de debate entre os participantes também foi proveitosa.
- As novas relações (contatos) feitas durante o seminário também são de extrema importância.
- Durante o seminário muitas pesquisas interessantes foram apresentadas, mas houve poucos diagnósticos que teriam nos ajudado mais.
- O seminário possibilitou um “mapeamento” das diferentes iniciativas da juventude, além de permitir uma troca de experiências.
- No entanto, faltaram gestores assistindo o Seminário.

Respostas à questão 2:

- A Prefeitura precisa melhorar e ampliar o diálogo com a juventude.
- Precisa promover encontros com diferentes grupos de interesse da juventude.
- A Prefeitura poderia também promover e intermediar encontros entre os jovens e os financiadores de projetos (empresários etc).
- Aumentar os programas de capacitação e a empregabilidade dos jovens.
- Tem que estar atenta para o fato de que os “cargos de juventude”, dentro das subprefeituras, nem sempre são ocupados por pessoas interessadas na juventude.
- Pode unir forças e demandas a partir do mapeamento realizado aqui no seminário.

Respostas à questão 3:

- O CCJ é um espaço de debate que ajuda na discussão e na elaboração de políticas públicas para a juventude.
- No CCJ poderia existir um programa de incentivo que fosse uma espécie de “mini-VAI”, para projetos que não fossem tão elaborados e nem tão grandes como aqueles que são propostos para o VAI.

GRUPO DE TRABALHO 2

Respostas à questão 1:

- O seminário ajudou a conhecer como estão os jovens hoje em dia, com informações sobre quem são, o que pensam, o que discutem, quais são suas demandas etc.
- O seminário mapeou dados e informações sobre a juventude atual, ajudando a desconstruir estereótipos sobre a juventude (apática, alienada, etc.)

- Mas faltou uma participação maior do poder público, para que a juventude e os participantes do seminário pudessem manter um diálogo qualificado com o poder.
- Ajudou a pensar sobre o conceito de JUVENTUDES, já que são diferentes as vivências de juventude dos negros, das mulheres, dos indígenas, dos pobres, etc.
- O evento ajudou a conhecer as ações do poder público para a inserção social dos jovens na sociedade atual.

Respostas à questão 2:

- A prefeitura poderia buscar uma maior comunicação com os jovens das regiões periféricas, em seus próprios locais de atuação: escolas, CEU's, grêmios estudantis, programas de agentes comunitários.
- Ela (Prefeitura) poderia promover um maior acesso dos jovens aos agentes públicos.
- Poderia realizar campanhas de sensibilização com os jovens.
- Cumprir as promessas de programas para jovens, realizando-os e mantendo as verbas constantes. (Há muito atraso no recebimento do Pró-Jovem)
- Poderia ter programas sociais com maior e melhor infra-estrutura para que tivessem continuidade e comprometimento com a população jovem.
- Aumentar o número de debates que mostrem as demandas da juventude, além de ampliar as ações que já estão dando certo.
- Pensar sobre as maneiras de se fazer um trabalho conjunto com os jovens e que contribua para que a juventude se aproprie da discussão.
- Há necessidade de mais financiamento para projetos comunitários.
- É preciso publicizar as informações por meio de fóruns.
- Realização de fóruns que discutam leis voltadas para a demanda social, de modo a dar possibilidades de apropriação do conhecimento para a população interessada.
- Promover uma maior e melhor capacitação de professores e educadores sociais para a demanda da juventude.

Respostas à questão 3:

- O CCJ poderia realizar um cadastramento de entidades que participaram do seminário para criarmos uma rede de discussão permanente.
- O CCJ poderia gerenciar as ações dos fóruns, organizando comissões de articulação que incluíssem os CEU's como pólos regionais de irradiação de discussões sobre juventude.

GRUPO DE TRABALHO 3

Respostas à questão 1:

- O seminário ajudou a entender o jovem brasileiro, além de auxiliar a quebrar preconceitos e antigos paradigmas.
- Mostrou modelos de organizações de jovens
- Ajudou a refletir sobre o jovem no mercado de trabalho.
- Ajudou a entender que o jovem tem capacidade e autonomia.
- Esclareceu sobre o funcionamento de certas políticas públicas
- Mostrou a necessidade de se multiplicar informações, quem sabe realizando seminários como esse para um público mais geral e que incluísse profissionais da educação.

Respostas à questão 2:

- A Prefeitura deveria capacitar os funcionários públicos sobre as maneiras de se trabalhar com a juventude. Poderia treinar seus servidores para que eles próprios fossem mais bem informados sobre os programas e políticas do governo.
- Ela (Prefeitura) poderia aproveitar melhor os espaços públicos de discussão, além de ajudar na sua manutenção.
- Deveria organizar mais ações.
- Deveria aumentar os investimentos e a valorização dos profissionais da educação, além de formá-los para terem uma melhor comunicação com os jovens.
- Necessidade de uma gestão participativa.
- Fazer dos jovens educadores dos jovens, com capacitação adequada. (Sistema de educação por pares).

Respostas à questão 3:

- O CCJ poderia ajudar na elaboração de políticas intersetoriais, com maior integração entre as secretarias da prefeitura.
- Ajudar e apoiar as formas alternativas de trabalho e geração de renda.
- Ajudar a intermediar e a buscar novas parcerias para projetos sociais dos jovens.
- Capacitar o jovem no âmbito pessoal e social.
- Ser um centro que ajude a divulgar informações sobre os jovens.
- Espaços como o CCJ podem ajudar a fundamentar uma cultura política para a juventude.
- Necessidade de mais escolas técnicas e mais profissionalização dos jovens.

GRUPO DE TRABALHO 4

Respostas à questão 1:

- Aumento de experiência, de discussões e de esperança.
- Maior conhecimento de indicadores para políticas públicas.
- Mostrou a necessidade de se aproveitar o potencial criativo do jovem.
- Proporcionou o acesso a informações, aprendizado e a uma sensibilização.
- Mostrou as redes de parceria entre o poder público e as entidades da sociedade civil.
- Revelou uma demanda por mais educação e capacitação do jovem.

Respostas à questão 2:

- A Prefeitura precisa discutir uma política pública para a juventude que seja contínua, e que articule as diferentes secretarias do governo. Essas políticas devem ser subsidiadas por leis de fomento, tendo como público alvo as diferentes juventudes existentes.
- Essa discussão deveria ser feita por meio de fóruns e seminários como esse de que participamos.
- Necessidade de se organizar conferências temáticas para a juventude nas diferentes áreas de saúde, educação, trabalho, etc.
- Tomar o jovem como protagonistas e não mais como sendo apenas representados.
- Daí a necessidade de políticas públicas que potencializem a energia criativa do jovem.
- Necessidade de políticas públicas mais específicas (heterogêneas) que dêem conta das diferentes juventudes.
- Necessidade de redes de parceria entre o poder público e as outras entidades da sociedade civil.

Respostas à questão 3:

- Um CCJ como este oferece muitas condições (ferramentas), cultura, espaço, etc., para a juventude; mas seria mais perfeito se tivesse uma quadra poliesportiva.
- No CCJ há várias metodologias e tecnologias de conhecimento e essa diversidade de serviços ajuda a desenvolver as potencialidades juvenis.

ENCERRAMENTO - Luciana Guimarães (Coordenadora Geral do CCJ)

- Foi muito bom e satisfatório escutar essas devolutivas, uma vez que mostram que o público do seminário percebeu que o CCJ é uma arena pública de discussão e de formulação de políticas públicas para juventude; e não apenas um lugar de lazer, um "Sesc Jovem".

- O CCJ tem como objetivo ampliar a discussão pública de temas que interessam à juventude. E espero que nós avancemos com este espaço.
- Para progredirmos é fundamental que os jovens participem ativamente do CCJ e de suas atividades, e não apenas dos seminários.
- Além disso, pretendemos sociabilizar o conhecimento produzido nesse seminário e pedimos que vocês (público do seminário) também divulguem essas informações em seus locais de trabalho.
- Acho que o balanço desse seminário é animador para que lutemos por um Brasil melhor.

